



AS VIAS QUE NOS ATRAVESSAM

– Apresentação do dossiê *Práticas Cênicas de Rua II: Ações Artísticas como política de resistência* –

Alexandre Falcãoⁱ e
Marcelo Roccoⁱⁱ (orgs.)

Os desafios do teatro contemporâneo, idealizado para as ruas e realizado nas ruas e nos demais espaços públicos, vêm desvelar as temáticas, estruturas e problemáticas acerca da proposição da arte feita para os transeuntes desavisados, para as pessoas que estão apenas de “passagem”, para a trabalhadora e para o trabalhador que estão no percurso “casa-trabalho”.

As categorias da arte feita na rua são abrangentes, marcando formas expressivas relativas à arte da performance, intervenções urbanas diversas, o próprio teatro denominado “de rua”, entre tantos outros modos de se fazer e de se pensar a cena contemporânea.

A produção artística na rua está intrinsecamente ligada ao cotidiano, à vida e seus desvios, ao barulho, aos ruídos, às pessoas em situação de rua e aos demais elementos da cidade que, por sua vez, se movimenta incansavelmente. A cena feita na rua revela a invisibilidade costumeira da diversidade de corpos, dos processos de entrecruzamento das experiências improvisadas, angariando a ressonância de vozes.

Neste sentido, o teatro feito na, com e para a rua engendra formas de sobrevivência a partir dos corpos das e dos artistas que se reinventam a cada dia nos processos cênicos. A resistência da arte na rua é fortemente marcada pelo engajamento nas comunidades, pela descentralização do poder nos modos de produção e pela luta contra qualquer forma de impedimento das manifestações públicas.

Diante destes breves preâmbulos, os textos a seguir são, em suma, uma reunião de análises diversas acerca da arte pública e do direito à arte pública, dentro sobretudo de um escopo em que se pense as ações artísticas como política de resistência. Os discursos a seguir motivam o pensamento acerca de diferentes vivências de caráter engajado da arte, na busca de alteração acerca das paisagens urbanas, promovendo, assim, o debate científico, político e cívico.

* * *

Iniciamos este número com a entrevista de Alexandre Falcão com o saudoso Toni Edson, grande artista, professor e pesquisador sergipano, com intensa trajetória artística nas ruas, entre diversas regiões do Brasil e que, recentemente, nos deixou, aos 42 anos, em decorrência de um infarto. Como tributo, a capa do presente número da Ephemera traz o valoroso Toni em cena no espetáculo *Baldroca*, do importante grupo Joana Gajuru, de Macció/AL. Tivemos a honra de publicar um dos últimos artigos de Toni Edson em nosso número anterior, no Dossiê Práticas de Rua I.

Na sequência, os artigos *Atos Íntimos Contra o Embrutecimento*, de Francis Wilker e Verônica Veloso e *A Matéria Do Cotidiano*, de Vinícius Torres Machado e André Capuano, apresentam relatos e análises sensíveis e aguçadas de ações performativas nas ruas, levadas à cabo, respectivamente, pelos coletivos paulistanos Dodecafônico e Uso.

As derivas, que também perpassam os textos anteriormente citados, são o cerne dos artigos *Distraídos Venceremos*, de Cecília Lauritzen Jácome Campos e Igor Miranda Pinto e *Flanar, Deambular Ou Derivar?*, de Diana Medina. Ambos articulando reflexões teóricas com perspectivas práticas, no primeiro caso no escopo das criações artísticas a partir da Universidade Regional do Cariri – URCA e, no segundo caso, no entorno de práticas metodológicas contemporâneas de processos educacionais em arte.

Em *O teatro como estímulo para pensar o existir* o provocador artista e pesquisador baiano Marcelo Sousa Brito compartilha a experiência da ocupação artística *Mal invisível*, praticada sob a proteção de um arco azul de um viaduto, em Salvador, cuja análise é retomada *a posteriori*, à luz da pandemia da Covid-19. Marcelo remete em seu ensaio, entre outros aspectos, à mitologia afro-brasileira, bem como ao líder político e intelectual indígena Ailton Krenak, que também estará presente (e pensamos que isso é um bom sinal!) no próximo texto. Sigamos, então, nosso percurso por esta introdução.

Um processo criativo em tempos pandêmicos, gerado a partir da Unicamp, no interior paulista, e mobilizado por artistas experientes — cujos trabalhos progressos envolvem, entre outros, os grupos paulistanos Teatro da Vertigem e Teatro de Narradores — é o foco do ensaio *Laboratório de Atuação: Sobre o Agir no mundo*, de Melissa da Silva Ferreira, Matteo Bonfitto e Lucienne Guedes Fahrer.

Distintas e potentes formas de “tomar lugar” ou de habitar as ruas e espaços públicos são apresentadas nos artigos *Brincar de tomar lugar: o jogo performativo na gaymada da Toda Deseo*, de Thálita Motta Melo e *Do Caminhar ao Habitar: Relatos sobre a Habitação Teatral Saudade do Grupo Teatro Público*, de Luciana Araújo Castro. Ambas as pertinentes análises se dão no contexto de grupos belo-horizontinos, com procedimentos estéticos e recortes temáticos diversos entre suas obras, mas que indiretamente dialogam no território da capital mineira e nas articulações textuais. O relato-análise acerca do Grupo Teatro Público remete fortemente, ainda, à experiência do anteriormente citado Coletivo Uso, de São Paulo, traçando, indiretamente, pontes interestaduais de vida (talvez mais intensamente) performática praticada nas ruas.

Tendo a performance e a intervenção urbana como estrutura basilar de seus textos, Thigresa Almeida em *Quem vê quem faz performance?* e Frederico Alves Caiafa em *A Arte Urbana Queer como Ato da Resistência Ativista* tecem reflexões teóricas a partir de experiências artísticas que permeiam as vias públicas. No primeiro artigo, o foco é para os festivais de performance, já no segundo, o olhar volta-se a ações da artista sueca Carolina Falkholt e da dupla Luso-brasileira Pixa Bixa.

Retomando, por fim, ao princípio, e em memória do querido Toni Edson, são muitas saudades e muitas presenças que nos atravessam nestes tempos pandêmicos. Assim, aspiramos que nossa singela homenagem e o conjunto de textos aqui reunidos possam ser um sopro que oxigene nossas reminiscências, uma vacina contra toda forma de autoritarismo e neurose e também uma injeção de energia reflexiva, sensível e amorosa. Que o estudo e a prática das artes cênicas de rua possa ser uma forma de honrar e saudar todes que vieram antes ou juntas de nós e contribuíram para que estejamos aqui, hoje, e para abrir novas ruas, passagens e avenidas para todes que virão juntas ou depois de nós, nos tempos vindouros!

ⁱ **Alexandre Falcão de Araújo** é artista de teatro, professor no Departamento de Artes da Universidade Federal de Rondônia – UNIR (Porto Velho, RO, Brasil) e articulador da Rede Brasileira de Teatro de Rua - RBTR. E-mail: alexandre.falcao@unir.br .

ⁱⁱ **Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi** é professor Adjunto na Universidade Federal de Ouro Preto (Ouro Preto, MG, Brasil). Coordenador do grupo de pesquisa Urbanidades Intervenções. Coordenador do PIBID ARTES/UFOP. E-mail: marcelorocco1@ufop.edu.br .